Uma invasão política

Valéria de Oliveira

Invasão de Sobradinho-II. Fim da linha para centenas de desempregados, subempregados, gente que a pobreza expulsou do aluguel. Entre os minúsculos barracos, erguidos com placas finas de madeira, saltitam as cabos eleitorais de Valmir Campelo.

Nem bem o carro pára, moças e senhoras bem vestidas demais para a o padrão pobreza completa surgem de todos os lados.

Indiferentes às indiretas de que a notícia é a presença da polícia na invasão, elas atropelam os personagens, investem no discurso que deveria sair da realidade triste dos moradores, não se desgrudam do foco.

Nenhuma mora na invasão. Mas todas se intrometem nas conversas com a polícia e os moradores. Não eram só as camisetas e a insistência das correligionárias em se impor à reportagem que anunciavam o candidato.

Campelo estava, sem estar, na contradição entre a PM do governador Roriz, seu aliado, e a defesa que as cabos eleitorais faziam do direito dos invasores de ficar ali.

As mesmas casas que, construídas ilegalmente, incomodam o GDF, estampam os cartazes do candidato oficial. Everaldo Oliveira de Souza, 33 anos, desempregado há quatro, tem muitas fotos de Campelo no barraco.

A onipresença de Valmir não toca Everaldo. "Não acredito em políticos não". A paisagem da janela, de onde se avista um acampamento de 50 PMs, montado desde quarta-feira, traz a explicação: "Estão fazendo guerra por esse pedaço de terra. O que querem com isso?". Valmir pode não saber a resposta. Mas as suas representantes queriam, de qualquer jeito, mostrar saber.